

## JUVENTUDES DO GUAJUVIRAS: PERCURSOS EM COMUNIDADES DE SENTIDO

Nola Patrícia Gamalho<sup>1</sup>

**Resumo:** A juventude está em disputa no plano conceitual e nas prescrições das formas de ser jovem. Todavia, como os(as) jovens constituem suas juventudes? Parte-se dessa problemática para compreender as juventudes periféricas do Bairro Guajuviras. Através do levantamento qualitativo, identificou-se que os(as) jovens do bairro reelaboram as noções de juventude nos seus protagonismos e que constituem espacialidades do bairro e metropolitanas através das práticas espaciais de comunidades de sentidos.

**Palavras-chave:** juventudes. Comunidades de sentido. Guajuviras

## YOUTH FROM gUAJUVIRAS: COURSES IN SENSE COMMUNITIES

**Abstract:** The youth is in dispute in the conceptual plane and in the precepts of the ways to be young. However, how do the young people constitute their youth? This article starts from this issue to understand the peripheral youth from Guajuviras neighborhood. From the qualitative survey, it was identified that the young people of the neighborhood rewrite the youth notions in their actions, constituting neighborhood and metropolitan spatialities through space practices from sense communities.

**Keywords:** Young people. Sense communities. Guajuviras

## INTRODUÇÃO

Refletir sobre as juventudes envolve um amplo e denso campo de debate e teorização. São concepções, modos de vida, expressões culturais... Assim, as juventudes, enquanto conceito e como experiência, revelam pluralidades, aqui abordadas em consonância com a concepção metodológica de caleidoscópicas (DUARTE, 2000). Partindo dessa compreensão, serão aqui analisadas as formas de constituição de comunidades de sentido (BERGER E LUCKMANN, 2001) das juventudes do bairro Guajuviras/Canoas-RS e suas ações como protagonistas espaciais. A temática juventudes e espaço é um campo potencial para os estudos contemporâneos. A exemplo dessa questão, pode-se referir os

---

<sup>1</sup>Universidade Federal do Pampa ([nolagamalho@yahoo.com.br](mailto:nolagamalho@yahoo.com.br))

estudos de Carrano (1999) sobre os processos educativos a partir de práticas trançadas na cidade e as cartografias da cultura e da violência desenvolvidas por Diógenes (2008). Ambas evidenciam, de forma complexa, a relação entre espaço e juventudes. O encontro entre educadores e os contextos de bairros pobres ou as práticas na cidade são fontes de importantes reflexões, promovendo a articulação das juventudes com os espaços.

A abordagem a partir das juventudes favorece a articulação entre diferentes escalas de ação e intenção, identificando materialidades, sentidos, práticas e, conseqüentemente, paisagens, territorialidades, constituição de lugares ou “pedaços” (MAGNANI, 2007). Revela relações de dominação e apropriação, de coprodução entre os espaços e sujeitos, em articulação com o local. Nesse sentido, é imprescindível salientar que se tratam de jovens de periferia. A periferia é aqui compreendida a partir de Serpa (2007, p.11): “(...) entendida como periferia social (com predominância de população de baixa renda, onde a produção do espaço se dá em geral sem a atuação - ou com atuação tardia- do Estado)”. Periferia não mais como distância física, mas como distância social e simbólica. O bairro Guajuviras tem sua origem em 1987, em ocupações de habitações ainda inconclusas da antiga Companhia de Habitação do Rio Grande do Sul (COHAB). É um bairro conhecido no imaginário da região metropolitana como um local perigoso pelo fenômeno da violência urbana.

A sociabilidade é fomentada nas ruas no Guajuviras, acionada conforme a intensidade de relações que a/o jovem desenvolve com esse espaço e no desenvolvimento de redes de amizades no local, precursoras das comunidades de sentido. Há relações mais ou menos atravessadas pela permanência em ruas ou praças, pois alguns grupos/redes ou comunidades de sentido desenvolvem-se em instituições, como a escola, a igreja, o grupo de trabalho. O tema de pesquisa enuncia o caminho, qual seja: instrumentos qualitativos para geração de dados acerca do universo estudado. Assim, parte-se da análise de entrevistas qualitativas (MICHELAT, 1980; THIOLENT, 1980) realizadas com jovens moradores(as) do bairro<sup>2</sup>.

Ao entrar em campo, deparamo-nos com diversas variáveis e percalços que precisam ser superados: somos estrangeiros (SIMMEL, 1983), assumimos posições, papéis sociais junto aos grupos e sujeitos com os quais dialogamos. Para a inserção em territórios estranhos, é necessário criar estratégias de

---

<sup>2</sup>O levantamento de campo ocorreu entre 2012 e 2015. Os (as) jovens entrevistados(as) tiveram seus nomes alterados para preservar seu anonimato.

aproximação com os atores/agentes da pesquisa. Para tanto, foram acionadas duas estratégias, uma a partir da realização de grupos focais em escolas públicas do bairro e através dos quais, além do material produzido, havia a possibilidade de ampliar o contato com alguns/algumas jovens na realização de entrevistas não-diretivas, conversas informais e observação do cotidiano. Outra estratégia foi a aproximação de lideranças de diferentes locais, o que tornou possível o acesso a outros/as jovens de territórios distintos do próprio Guajuviras (as diversas vilas que compõem o bairro). Por fim, e de forma secundária, também foram utilizadas as redes sociais, através das quais os diálogos com os/as jovens eram realimentados, assim como possibilitou inserir novos/as jovens à pesquisa, cujos contatos foram através da comunidade Guajuviras do *Facebook*.

A inserção em campo demanda paciência, perseverança e postura ética. O levantamento tinha como objetivo contemplar o aspecto territorial em que a diversidade do Guajuviras, as múltiplas inserções e os múltiplos contextos de experiências dos/as jovens – estudantes, não estudantes, estudantes de EJA, formados no ensino básico e universitários – fosse representada. Dessa diversificação e da própria pluralidade inerente às inserções, aos gostos e às estéticas de jovens, emergiram as representações de juventudes, práticas e sentidos de bairro. Preencher essas lacunas demandou esforço em ampliar contatos e encontrar jovens com trajetórias diferentes.

## JUVENTUDES: PERCURSOS CONCEITUAIS

É a juventude, como argumenta Bourdieu (1983), apenas uma palavra? Uma criação humana atravessada por disputas de definição e controle social? Um recorte demográfico explicativo de determinados fenômenos da sociedade? Possui limites fixos, precisos, os quais podem ser transpostos na compreensão desses sujeitos? São compostos por definições ambíguas e mutantes ou precisas e universais? O conceito e normatização das juventudes é objeto de disputa e poder. As noções de jovens e juventudes são elaboradas em determinados “lugares”: na estrutura social, no campo científico e nas representações. E elas implicam relações de dominação, condicionamento, disputas e resistências.

Infância, juventude, maturidade e velhice são classificações que estão em relação e impregnadas de um sistema hierárquico que postula o lugar do discurso normativo, caracteristicamente adultocêntrico (DUARTE,

2000), através do qual, em diferentes contextos sócio-espaciais (SOUZA, 2013)<sup>3</sup>, são utilizados como mecanismos de classificação e dominação ou de manutenção de privilégios de um grupo etário sobre outro. A idade corresponde a um conteúdo biológico, mas é também manipulada e manipulável (BOURDIEU, 1983), cujas características estipuladas como determinantes devem ser internalizadas, preservando, com isso, o sistema hierárquico e a continuidade da estrutura social e, conseqüentemente, os processos de aprendizagem – sejam no âmbito da família, do trabalho ou das instituições de ensino – atuam na produção de indivíduos que deem continuidade à estrutura social.

A emergência da temática juventude é construída a partir de rotulações: jovens delinquentes, excêntricos, contestadores, contrastando com a estrutura e organização sociais (por, supostamente, inserirem desestabilizações). A juventude é um fenômeno da sociedade moderna (ABRAMO, 1994), decorrente da cronologização do curso da vida empreendido desde o século XIX, em paralelo com a constituição das estruturas do mundo moderno, como “[...] a urbanização em grande escala, a industrialização, a mercantilização da vida e autonomização das esferas de ação social.” (GROPPO, 2004, p. 17).

Entre os conteúdos que permeiam as definições de juventude está seu caráter de etapa de preparação para o mundo, processo de integração social, fase de transição entre infância e maturidade, um vir a ser pautado no tempo futuro. Para Duarte (2000), há uma perspectiva adultocêntrica nas definições de juventudes, que prescrevem e definem formas, gostos, comportamentos. Esse vir a ser “alguém” é muito presente nas juventudes periféricas, o que retira delas a sua especificidade e totalidade, uma vez que forma um imaginário de sujeitos que serão, pois ainda não são. Além de estabelecer um não lugar social para os/as jovens ou de não reconhecer a juventude em seus valores em si. Essa definição desconsidera as múltiplas possibilidades de vivenciar essa etapa.

Esse período de transição é identificado como uma moratória social (MARGULIS; URRESTI, 1998), como tempo de preparação para a vida adulta. É o tempo livre que entre as classes média e alta é legitimado socialmente.

---

<sup>3</sup>Souza (2013, p.17) assim define o conceito de sócio-espacial: “É interessante notar que, sempre que se deseja manter a noção de composição, em que os dois adjetivos preservam a sua individualidade semântica, o hífen continua a ser usado, mesmo após a última reforma ortográfica (...)”.

La juventud se presenta entonces, con frecuencia, como el período en que se posterga la asunción plena de responsabilidades económicas y familiares y sería una característica reservada para sectores sociales con mayores responsabilidades económicas. Esta sería la juventud paradigmática, la que se representa con abundancia de símbolos en el plano más mediático: deportiva, alegre, despreocupada, bella, la que viste las ropas de moda, vive romances y sufre decepciones amorosas, pero se mantiene ajena, hasta su pleno ingreso a las responsabilidades de la vida, a las exigencias, carencias y conflictos relativos a la economía, el trabajo y la familia. (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 6).

E as juventudes de periferia, que equilibram trabalho e estudo? E as juventudes que não conseguem viver a moratória como o estipulado? Que vivenciam seu tempo de ócio no uso do espaço público das ruas e praças para encontros, paqueras, para verem e serem vistos? O tempo de ócio dos/as jovens pobres é criminalizado como “tempo de marcar bobeira na esquina” (ABAD, 2003). A moratória social nesse sentido acirra as distinções simbólicas e o reconhecimento de formas de vivenciar a juventude.

As narrativas de jovens do Guajuviras demonstram a diversidade de possibilidades, práticas e experiências. Esse posicionamento evidencia a impossibilidade de encerrar a categoria em uma definição precisa, inviável de abarcar a diversidade de vivências. Nas narrativas encontram-se diversidades de experiências: são jovens do Guajuviras, de Setores e Vilas<sup>4</sup>, que cursam o ensino básico, outros/as que abandonaram a escola, outros/as que fazem faculdade, infratores/as, religiosos/as, artistas, trabalhadores/as, entre outros.

## JUVENTUDES PROTAGONISTAS

As práticas espaciais de jovens no bairro e espaço metropolitano possuem materialidades efêmeras, constituídas pelos próprios corpos e relativas às suas trajetórias de inserção nos espaços de formação, nas relações de trabalho, nas

---

<sup>4</sup> O bairro Guajuviras é dividido em Setores (divisão interna da COHAB) que, em virtude de originar de um planejamento territorial, apresentam maior ordenamento e padronização de vias, calçadas e moradias. As Vilas surgiram no decorrer dos anos, em áreas com eucaliptos. Surgiram, cresceram e resistiram como estratégias de sobrevivência em espaço metropolitano. Logo, têm esses marcadores de autoconstrução na paisagem, como: calçadas e vias estreitas, moradias com diferentes padrões de construção. Essas diferenças são reproduzidas internamente como distâncias sociais.

práticas de lazer, nas comunidades de sentido. Certeau (2009) convida-nos a ir além do evidente e observar as incontáveis e imperceptíveis formas de fazer presentes nas práticas microbianas dos atores ordinários, de cotidianos ocultos nos traçados, concretos, arranha-céus da cidade e ordenamentos urbanos. As práticas inserem os/as jovens nas relações de pertencimento ao espaço do bairro e nas relações metropolitanas através das comunidades de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004), da inserção no mundo do trabalho, de formação ou lazer. Desenrolam-se entre os condicionamentos e as artes de fazer, transitando no tensionamento entre um e outro, constituindo o bairro e a cidade enquanto espaços de aventura e aprendizagem (CARRANO, 1999).

O termo protagonismo está associado à potência da ação de atores sociais em suas relações e intervenções nos espaços, sejam eles físicos ou em relação aos sentidos e às representações. Por um lado, a noção está associada ao pensamento e às prescrições neoliberais através dos quais os/as jovens tornam-se empresários de si e, com isso, contribuem com o desenvolvimento e a integração social (GOULART, 2014), promovendo um determinado tipo de emancipação, consonante com as normativas e ideologias de organismos internacionais, como o Banco Mundial. Os/as jovens nessa perspectiva são elementos essenciais ao desenvolvimento, ocultando os conflitos internos às concepções de desenvolvimento.

Embora as noções de protagonismo tenham esses atravessamentos, a compreensão na análise o aproxima do sentido relacionado a atores que adquirem centralidade de ações e intencionalidades de transformação. Nesse processo de empoderamento os/as jovens desenvolvem habilidades, saberes e formas de agir fazendo o espaço do outro (CERTEAU, 2009), das normatizações e prescrições o seu espaço de ação, resultando na transformação do próprio espaço vivido a partir das lógicas próprias desses/as jovens, ou seja, agem intencionalmente no espaço vivido transformando-o segundo suas concepções. Goulart (2014), ao refletir sobre o protagonismo juvenil, identifica o nas prescrições, mas também visualiza o transbordamento do conceito:

O protagonismo juvenil representa não somente um modo de subjetivação conduzido por práticas pedagógicas ou imperativos que incitam o jovem a participar ativamente da sociedade, mas também um investimento, tanto da ação governamental voltada aos jovens, quanto da ação dos jovens sobre si mesmos. (p. 136).

Os/as jovens assumem posições de ator, de ação social no espaço do bairro, metropolitano, no campo da cultura e da política. É nesse sentido que as

ações e oficinas relativas à cultura no Protejo, como percussão, *rap*, *funk* (ações desenvolvidas no Protejo- durante a política pública de Território da Paz<sup>5</sup>), oportunizaram o contato dos/as jovens com a instrumentalização técnica e social de agir a partir de expressões culturais, de constituírem-se reflexivamente como produtores, não apenas consumidores de produtos da indústria cultural. É o que Felipe expõe na afirmação: “A cultura eu era só o espectador, hoje eu sou personagem” (19 anos, em 22/09/2012). Com os conhecimentos e experiências adquiridos a partir do Protejo, Felipe seguiu sua trajetória no *rap* e, assim, o jovem negro do bairro pobre adquire visibilidade através das apresentações culturais, dos protagonismos desenvolvidos nas comunidades de sentido. Esse destaque social é parcial e sua invisibilidade ou visibilidade não desejada permanece em outras situações de interação e práticas no espaço metropolitano (os jovens trabalhadores de supermercado ou shopping center que se tornam invisíveis). Os/as jovens de bairros pobres tornam-se, frequentemente, conteúdo das representações de desordem, violência, baderna. Logo, são objetos de ações de controle (como por exemplo as intervenções policiais em grupos de jovens). Todavia, ao assumir a posição de agente da transformação, entra-se em disputa na produção representacional desses/as jovens, tomando para si o poder de nomear, classificar, definir. Dessa forma, definem-se como protagonistas, como atores e não apenas espectadores passivos ou promotores da desordem, como atores que influenciam nas transformações do espaço e de outros/as jovens.

Os/as jovens nas relações com suas comunidades de sentido potencializam suas capacidades de ação, assumindo posições protagonistas. Os/as jovens assumem para si o poder de transformação das novas gerações, seja nas práticas religiosas ou nas manifestações culturais. É o caso de Ricardo que planejou a constituição de uma escola do *funk* no Guajuviras ou de Giovana que, com a redução das ações da Casa das Juventudes, estabeleceu como objetivo, junto com outros/as jovens, construir grupos com diferentes enfoques culturais para oportunizar às novas gerações o acesso a bens culturais, a produção musical, o teatro, o esporte, entre outros. Eles/as assumem a posição de ator, ainda que objetivamente encontrem diversos entraves para suas ações, inclusive com o adiamento ou abandono dos planos, como o que ocorreu com a escola do *funk*, que, sem recursos, não teve prosseguimento. Ambos assumem responsabilidades na transformação local:

---

<sup>5</sup>O Território de Paz foi um Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), implantado durante a gestão de Jairo Jorge, quando foi prefeito de Canoas pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Entre as ações, destaca-se o Protejo, que envolvia a Casa das Juventudes e constituía um espaço de formação cultural e cidadã, com estúdio de música, oficinas, como a de *funk*, teatro e violão, inclusão digital, entre outros.

Mas aí eu também tenho que pensar que eu sou um exemplo para os jovens aqui do Guajuviras, que eu tenho que me portar como um exemplo para as pessoas poderem me ver como espelho daquilo que elas podem fazer. [...] Então, é tudo que a gente vai puxando aqui, aqui do bairro, porque mal ou bem os jovens daqui gostam disso. Eles podem falar que não, mas eles gostam, eles gostam de dança, eles gostam de música, eles gostam de arte. Mas, porém, não tem ninguém para puxar isso que a gente está tentando fazer aqui dentro do bairro. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

As ações propostas por Ricardo estão nesta lógica de, através da cultura, dar visibilidade para o Guajuviras e, com isso, oportunizar acesso e atividades para os/as jovens do local, como também constituir o bairro uma centralidade que, através da experiência de moradores de outros locais de ir, andar e conhecer o Guajuviras, favoreça a reelaboração das representações que o desvincule de local perigoso. Suas ações são intencionais e entram nas relações de força política e simbólica, de ações no espaço e de reelaboração do imaginário. Os resultados são constantes e microbianos em enfrentamentos no plano cultural, político e social.

Por que se faz pessoas de fora entrar dentro do bairro, quebrando um monte de coisas assim. Pô, eu vou fazer um curso lá dentro do Guajuviras se uma mãe lá de fora, de outro bairro vizinho vem e fala: não, o Guajuviras é muito violento. E tiver um filho que fique aqui seis meses e isso mudar, isso é um fato muito grande para o Guajuviras, entendeu? É uma aproximação que tu vai ter com outras pessoas que tinham preconceito. (...) É diferente, entendeu? Por que, tipo, eles entraram para dentro do bairro, não foi o bairro que entrou pra dentro deles. (Ricardo, 25 anos, em 28/08/2013).

São formas de expressão juvenis que esses/as jovens almejam consolidar, valorizando culturas descentralizadas e com valor simbólico e social local. Assim como o *funk*, o *rap* é uma manifestação da cultura descentralizada, como um lugar/manifestação própria e legitimada. As manifestações alicerçadas na musicalidade como mecanismos de expressão motivam a produção de composições próprias, potencializando o alcance de narrativas que esses/as jovens querem disseminar. É assim com as composições de Willian no *funk*, de Giovana, Caio, Felipe e Otávio no *rap*. Mesclando contexto social atravessado por aspectos de violência e tráfico, Otávio busca disseminar mensagens para os/as jovens na música Ex-detendo: “O objetivo da música é passar uma mensagem para os jovens pensarem em suas ações, porque a prisão não é um



bom lugar. A música é para conscientizar, para não irem para lá”. (Otávio, 22 anos, em 27/07/2013). Ou seja, são mecanismos através dos quais os/as jovens se fazem ouvir, refletem sobre as juventudes, assumem papéis de destaque enquanto jovens e, dessa forma, constroem reconhecimentos afirmativos acerca dos/as jovens.

A escola é um ambiente que pode potencializar o protagonismo dos/as jovens. As feiras artísticas desenvolvidas nas escolas, os cursos do Protejo, as trajetórias familiares de militância, as organizações de cunho religioso instituem ambientes em que os/as jovens sentem-se empoderados ou instrumentalizados para agir politicamente no espaço do bairro. Miguel, que hoje participa do Levante Popular da Juventude<sup>6</sup>, relata um dos movimentos precursores de sua ação política, promovido a partir de ações dentro da escola de ensino médio local:

Era direito do consumidor, no Cônego [Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cônego José Leão Hartmann]. Foi no projeto geração consciente que fez lá e a gente fez fiscalização no shopping, no Brehm [Supermercado]. Agente deu multa, três mil de multa, tiramos vários carrinhos de coisas vencidas. (Miguel, 18 anos, em 04/12/2013).

Através da política e da educação os/as jovens compreendem-se nas relações de distância social, de desigualdades e de diferenças. A compreensão de sua condição juvenil e das juventudes presentes no Guajuviras é consequência e motor das ações no espaço. Joana, na militância política, identifica os/as jovens do Guajuviras não nas representações de jovens como hedonistas, violentos ou despolitizados, e sim no reconhecimento de diferentes expressões sócio-espaciais de jovens e suas potencialidades. O reconhecimento das capacidades de ação de jovens contribui para o fortalecimento da identidade juvenil, de práticas e potencialidades próprias, singularizando os/as jovens como importantes atores na transformação de outros/as jovens, do local, da cidade, da metrópole. Reguillo (1998) identifica essas identidades situadas às margens econômicas e simbólicas da sociedade, mas destaca que as: “[...] prácticas y visiones del mundo permiten observar la relación entre identidades culturales, formas de organización y mediaciones cotidianas de insumos para producir, mantener o transformar la realidad.” (p. 58-59). A experiência, enquanto protagonistas, reelabora a própria condição e identificação juvenis, o que

---

<sup>6</sup> Organização de jovens militantes para transformação da sociedade (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2013).

decorre na produção de demandas específicas para esse grupo social e na compreensão da possibilidade de direitos e ações voltadas para as juventudes.



Eu fico impressionada, que a gente vai militando e, quando tu vê, a gurizada brota assim. Se carrega tanto assim essa coisa que o jovem não quer nada com nada, que não quer saber de política, mas não é verdade, tem muito jovem inserido, tem muito jovem que busca outros jovens. (Joana, 25 anos, em 06/01/2014).

Rodrigo e Ricardo, jovens moradores do Guajuviras, originários das instituições locais de educação, tornam-se educadores sociais no próprio bairro de sua trajetória. Nesse percurso, eles visam desconstruir os imaginários alicerçados nas diferenças de educação e distâncias sociais. A trajetória de Rodrigo, como universitário, deixa de ser exclusivamente sua e é compartilhada como uma possibilidade de transformação para os/as demais jovens do bairro. As ações de Rodrigo o inserem na luta política de transformação do seu espaço de formação. O reconhecimento de si dentro das diferenças e hierarquias conduz a agir localmente, visando tornar visíveis possibilidades de ser jovem como as suas, marcadas na formação acadêmica, na prática musical, como educadores sociais e artistas. Colocar-se protagonista das ações de transformação desconstrói a juventude como transição: são trajetórias valorizadas por seu conteúdo presente.

Que facilidade tem? É tudo mais difícil. Eu sempre falo nessas mediações, em todo lugar que eu estou e tenho voz, eu sempre falo: cara eu sempre estudei em colégio público e estou em uma faculdade pública hoje. Que contrapartida, pouquíssimas pessoas daqui do bairro. Mas não é impossível, se eu estou lá, tu podes também. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

As ações sócio-espaciais, com intenção de transformação e sob o viés das práticas e culturas desenvolvidas por jovens, constituem-se como atos políticos. Assim, o espaço do outro, das normatizações e ideologias da ordem distante torna-se o espaço das ações dos/as jovens através dos quais visam transformar o Guajuviras a partir do conhecimento e saberes locais. Ao posicionar-se nas relações de transformação e força como atores, os/as jovens estão se elaborando como responsáveis pela transformação e, dessa forma, agregam valores à sua condição de jovem de bairro pobre. Dessa forma, têm-se diferentes perspectivas de significar e empoderar jovens de espaços identificados como periferias. Através de suas ações e da constituição do bairro como centralidade. Assim, as

formas de atribuir sentidos às juventudes do Guajuviras são repensadas, ressignificadas e representadas.



## AS COMUNIDADES DE SENTIDO

As práticas espaciais desenvolvem-se sob a motivação de processos articuladores entre diferentes escalas (local, da cidade, metropolitana...) de ações, algumas individualmente, outras através da inserção em grupos. As comunidades de sentido podem ser remetidas a sistemas de valores, gostos, pertencimentos e interpretações partilhadas, correspondendo a sistemas mediadores através dos quais os/as jovens desenvolvem práticas espaciais no bairro e espaços mais amplos. Elas estão relacionadas às esferas religiosas, as influências do *Hip-hop*, ações políticas, grupos territoriais (Bondes, por exemplo).

Oferecem acervos de saber que orientam as ações dos/as jovens, as formas de pensar, agir e “O sentido se constituiu na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa através de processos sociais.” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 14). As vivências/experiências, os sentidos criados e herdados, a circulação e produção de informação pelas mídias sociais são múltiplas teias da produção dos sentidos no mundo contemporâneo. E as possíveis combinações desse tear inserem os/as jovens em diferentes contextos de grupo.

As comunidades de sentido podem ter origem na diversidade contida nas comunidades de vida contemporâneas. E estas pressupõem elementos que conformam a primeira. Atualmente, escalas referentes ao local e ao global se interpenetram. O Guajuviras constitui-se como uma comunidade de vida, cuja diversidade e complexidade favorecem a coexistência de comunidades de sentido internas ao espaço do bairro e comunidades cujos vínculos e sentidos ou são externos e estranhos ao plano local ou estabelecem articulações com ele. Observa-se a confluência de jovens com interesses e habilidades que constituem laços e vínculos, conformam agrupamentos. Foram identificados no levantamento alguns campos de convergência, como as práticas vinculadas à música, à dança, às religiões, aos posicionamentos políticos, aos estudantes universitários, aos esportes, entre outras.

Instituições produtoras de sentido e vinculadas à ordem distante sempre estiveram presentes na vida de bairro, como a origem desses espaços em estreita relação com as paróquias, que são os valores e ordenamentos da hierarquia

católica no plano do local. Na cidade contemporânea existem múltiplos/as feixes/teias de interesses inseridos nos espaços vividos: as igrejas; o Estado; a especulação imobiliária; os valores do consumo; as manifestações culturais; etc. O que corresponde aos espaços concebidos em diálogo e/ou conflito com os espaços vividos e praticados. Os moradores constituem vínculos metropolitanos: são trabalhadores e deslocam-se pela Região Metropolitana, torcem para times que não são do local em que vivem, consomem os produtos culturais, deslocam-se e interagem com grupos territorialmente distintos, inserindo seus corpos, interesses e lógicas além dos espaços do bairro. A produção e difusão de sentidos é cada vez mais descentralizada e plural, ou seja, existe a

[...] coexistência de diferentes ordens de valores e de fragmentos de ordem e de valores na mesma sociedade e, com isto, a existência paralela de comunidades de sentido bem diferentes. O estado que resulta desses pressupostos pode ser chamado de pluralismo. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 36).

A inserção nessas comunidades dá-se em graduações de conformidade com sistemas de ordenamento social, estético e político. Foi possível identificar a participação de jovens em múltiplas comunidades de sentido, que podem, inclusive, apresentar divergências nos conjuntos de sentidos produzidos. Essas divergências podem perpetuar ou acomodar as contradições, ou, ainda, conduzir à adoção exclusiva de uma delas. Ao acompanhar a rotina de Mateus em um sábado, foi observado o caráter poliédrico do jovem em suas múltiplas inserções: pela manhã, na aula de canto em um programa de extensão do Curso de Música da UFRGS; à tarde, na oficina de dança de *funk*; e, à noite, no culto em uma igreja neopentecostal. No entanto, em determinado momento ao longo da pesquisa, Mateus optou por permanecer apenas nas práticas religiosas, deixando de participar das demais naquele momento. Há forte mobilidade entre essas comunidades ao longo da trajetória de vida dos/as jovens. Os sentidos de compreensão do mundo e ordenadores do comportamento vinculados à prática religiosa de Mateus tornaram-se excludentes com as práticas do *funk*, comumente associadas “ao mundo”. As oficinas de música coadunam-se às práticas religiosas, pois ele as aproveitava em apresentações de canto na igreja. Embora tenha terminado a prática da oficina de música e não tenha tido possibilidade de dar continuidade, ele permanece cantando em sua comunidade religiosa.

Eu preciso estar em um lugar santo para fazer o certo para Deus.  
Se eu estou no mundo, eu estou no mundo. No sentido do

pecado. Se quiser ficar, falar besteira, fumar, beber... Prazeres que talvez não agradem a Deus. A gente é um camaleão e em qualquer ambiente a gente se acostuma. (Mateus, 20 anos, em 14/04/2013).

Os pertencimentos a comunidades de sentidos aglutinam jovens para conjuntos de normas, estéticas, valores e orientações de condutas partilhadas, articulando os lugares a partir dos sentidos e valores contidos nesses campos de ação. A inserção em diferentes comunidades conduz à observação que elas não são assumidas integralmente, mas de forma parcelar, acomodando as divergências ao acúmulo individual do acervo de conhecimento e valores sociais. O saber é heterogêneo e maleável, o que favorece a inserção em grupos e produções de sentidos diversos. As práticas religiosas são comunidades de sentido recorrentes e coexistem com outras. As referências à religião ou às religiosidades estão presentes nas narrativas de jovens vinculados à prática de pichação, aos Bondes, ao *Hip-hop*. Essa articulação acomoda a ordem e a desordem nos sistemas de valores dos/as jovens, que encontram em seus cotidianos elementos que os/as aproximam ou que subsidiam suas compreensões de mundo em esferas discordantes. Um/a jovem cujas práticas na metrópole correspondem a pichações, o que é, de forma generalizada, identificado como desvio à norma, coexiste com a prática religiosa de vertente evangélica neopentecostal, situação observada no levantamento de campo. Ou em relação às narrativas de Giovana, que participa do movimento de *Hip-hop*, no qual também insere a militância da participação feminina neste estilo cultural e que participa ativamente em outra igreja neopentecostal. Em jovens como Giovana, Felipe e Otávio, os preceitos religiosos são preponderantes ao ponto de estarem presentes na produção musical.

Foi aí que eu comecei a focar e usar o dia a dia do jovem, que é o dia a dia do que passou na minha vida e com a visão que eu tenho dentro da igreja, a visão da rua dentro da igreja, comecei a passar, a fazer, a escrever as músicas, aí que começou a surgir a Giovana quetodo mundo conhece.

Entrevistadora: como é essa relação rua e igreja nas tuas letras?

Giovana: é embaçado. Eu tenho cuidado para não falar uma coisa que umas pessoas da igreja possam não gostar, mas como a gente não agrada a todo mundo, então... [...]Por causa que o *rap* é uma forma de se expressar, é um poema e tem muito preconceito. E por eu ser mulher e sou uma das raras mulheres que canta *rap*, piorou aqui no Rio Grande do Sul e sozinha. É difícil, mas não é impossível, tendo fé e buscando pelos seus objetivos, dá pra chegar a um lugar. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

A inserção nas práticas de religiosidades neopentecostais é um atravessador da maioria dos/as jovens que participaram da pesquisa. Ora mais, ora menos institucionalizados, ora fortemente praticantes da religião, em outras em conflito com seus padrões. Para os/as jovens institucionalizados, não apenas a fé, mas as práticas comuns consolidam-se como articuladores das relações sociais. Em determinadas igrejas, como a de Mateus, Jaqueline, Julia e Clara, não há a constituição de grupos de jovens, sendo as práticas não tanto juvenis, embora faça parte do cotidiano desses jovens. Para Alessandra, Felipe, Giovana, Otávio e Jorge, as religiões são inseridas em contextos e grupos juvenis organizados dentro das instituições religiosas. As comunidades de sentido nas quais os/as jovens se inserem, assim como as práticas espaciais, não correspondem exclusivamente a práticas juvenis, embora possam estar presentes.

O que me move é a fé, a fé é minha salvação. Eu participo da Força Jovem Brasil - FJB<sup>7</sup>. É onde os jovens se reúnem. A gente que traz o jovem da rua para dentro da igreja, para conhecer a cultura, a música, a dança. Queremos mover eles através da fé. (Felipe, 19 anos, em 22/09/2012).

O conflito entre práticas antagônicas pode culminar no completo abandono de determinadas comunidades de sentido. Giovana também se deparou com o conflito entre sua inserção na cultura do carnaval, tradicional no Guajuviras, e a opção religiosa. Algumas comunidades de sentido favorecem os múltiplos diálogos, outras fortemente institucionalizadas, cujos preceitos morais e normativos divergem de alguns segmentos, tendem a prevalecer. Ou, como no caso do *Hip-hop*, são apropriadas institucionalmente, tanto como estratégia tecnocrática de absorção dos fiéis, mas também como táticas dos/as próprios/as jovens em levar para esses espaços suas culturas.

Olha, eu sempre fui da igreja, desde pequena. Mas teve um tempo, a partir dos 14 ou 15 anos, mais ou menos, que eu parei de ir e comecei a dançar. Porque a dança sempre fez parte da minha família, o carnaval. O carnaval sempre fez parte da minha família. Então eu também peguei essa geração de carnaval. Entrei no Unidos do Guajuviras, fui madrinha de bateria, participei da corte do carnaval de Canoas, fui uma das princesas da corte e

---

<sup>7</sup>O Força Jovem Brasil - Força Jovem Universal são grupos de jovens fomentados na Igreja Universal. Os grupos se desenvolvem nas igrejas e articulam-se entre si e com a Igreja Central localizada em Porto Alegre/RS.

depois de tudo isso que eu resolvi entrar para a igreja com tudo.(Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

Algumas comunidades de sentido têm vertentes convergentes. Três jovens trouxeram as práticas religiosas afro-brasileiras como produtoras de sentido e sociabilidades em suas vidas (Vitor, Jeferson e Gustavo) e, a partir dessas práticas, esses jovens se inseriram na cultura musical de tocar tambor em rituais religiosos, fazendo cursos em outros locais metropolitanos ou atuando como tamboreiros. Dessa forma, as práticas vinculadas às comunidades de sentido constituem o espaço metropolitano em fragmentos, a partir da inserção em outras espacialidades e grupos que compartilham estéticas, valores e modos de vida similares.

Através dessa inserção em grupos com convergência identitária, os/as jovens constroem suas redes de amizades e passam a ter a experiência dos locais metropolitanos significados nessas práticas. Não apenas a metrópole consolida-se como referência, mas também os municípios da Região Metropolitana e, por vezes, escalas mais amplas, como a estadual e a nacional. “Por causa que eu já fui pra São Paulo e é pra ir pra São Paulo de novo, que vai ter o tributo do Sabotage<sup>8</sup> e é pra mim ir pra fazer uma participação com o Adriano [...]” (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013). No entanto, a origem da inserção em comunidades dá-se nas práticas consolidadas no próprio bairro, na igreja localizada na Unidade de Vizinhança, no Terreiro do local, no jogo de bola com os amigos. Muitas comunidades de sentido têm sua origem nas práticas de bairro e nas práticas da família. Vitor exemplifica em sua narrativa que ao longo do tempo a fé na qual a família o inseriu foi reafirmada como uma fé própria do jovem. Nesse caso, convergem também as práticas do futebol, que, assim como a função de tamboreiro, funcionam como mediadoras entre o Guajuviras e outros espaços:

Já fui pra Três Coroas, já fui para campeonato, já fiz teste no Corinthians. [...]. Já fui duas vezes já. É muito bonito lá. Já fui pra Caxias, Veranópolis. No Rio Grande do Sul eu já fui tudo já. Alegrete.

Entrevistadora: como começou tua história com o futebol?

Vitor: três anos e meio atrás. Três anos atrás. [...]

Porto Alegre, já fui tocar em Novo Hamburgo, São Leopoldo, já fui tocar em Caxias também. Eu e meu irmão. Porto Alegre...

---

<sup>8</sup>Sabotage é o nome artístico de Mauro Mateus dos Santos, compositor e cantor de *rap* no Brasil, que foi assassinado em 2003.

Deixa eu me lembrar. Viamão, Santa Cruz. Muitos lugares (Vitor, 15 anos, em 16/11/2013).

A família é uma referência inicial das comunidades de vida, sendo, em algumas situações, impulsionadoras para comunidades de sentido, seja nas práticas religiosas, políticas ou vinculadas à música ou dança. O manuseio de instrumentos musicais, as normativas e os valores religiosos são também apropriados pelos jovens como arsenais de sentido e saber apreendidos no decorrer da experiência cotidiana e, às vezes, tem origem no núcleo familiar. Os jovens não apenas estabelecem continuidades ou rupturas, mas transformam essas manifestações e as inserem em práticas que ultrapassam os limites físicos da família e do próprio bairro.

Na verdade, as minhas tias dançavam. E a minha prima dançava. E eu sempre gostei, eu olhava pela TV, mas um dia a escola de samba lá perto da Nancy, teve um cara mais velho, amigo da minha tia, olharam eu e os guris, que era a época que a gente ficava imitando todo mundo, daí tem meu primo também, tem meu tio que canta e ele me levava no carnaval para sair na bateria. (Marcio, 19 anos, em 01/11/2013).

Toda a minha família, da parte da minha mãe, são pagode e a gente tocava. Não é que fundou um grupo, é que sempre teve um grupinho e aí botaram um nomezinho e saiu tocando.

Entrevistadora: tu aprendeu a tocar com quem?

No caso aprendi vendo. Eu via meus tios tocando e desde pequeno. (Lucas, 16 anos, em 17/08/2013).

Eu tinha uma segurança de santo para a saúde com meu tio, que é Pai de Santo. Eu tinha uma segurança com ele e até agora os 14 agora, que eu fiz uma obrigação maior. Eu tinha só uma coisa de saúde, daí agora eu deitei com meu irmão e com meu tio agora, na obrigação, em uma obrigação maior. (Vitor, 15 anos, em 16/11/2013).

As práticas vinculadas à dança e música propiciam o encontro dos jovens, primeiro no âmbito do bairro, em seguida em práticas metropolitanas. Iniciam dançando na rua e formando grupos de dança do local, tocando e cantando nas reuniões de família, em que a aprendizagem se dá dos mais velhos para os mais novos e daí passam a tocar nas ruas, em eventos e até mesmo em projetos de profissionalização nesse ramo. A narrativa de Ricardo sobre seu início na dança demonstra bem essa relação de constituição de um grupo com objetivos convergentes. A dança constitui-se como práticas do local e seu extravasamento na própria trajetória e projetos dos/as jovens envolvidos.



E a minha paixão por dançar se tornou nos aniversários, nas festas que a gente ia quando criança e eu acabava escutando música e depois, a partir dos 15, eu comecei a sair um pouco, bem pouquinho que a minha mãe me liberava muito pouco, às vezes eu saía escondido. Aí quando a gente ia para os bailes, tocava o *funk* e a gente sempre fazia os passinhos e assim foi surgindo a vontade de se montar um grupo. Montei um grupo, que era de brincadeira, daí depois se tornou sério aí. E aí a gente começou a se apresentar e depois da primeira apresentação deslanchou assim, foi, foi, foi e eu estou até hoje nela. Começou aqui no Guajuviras, eu morava naquela casa azul lá. Morava naquela casa azul antes e a gente ensaiava lá naquela área. (Ricardo, 25 anos, em 13/09/2013).

As práticas vinculadas ao *funk* e à dança, como manifestações culturais características dos bairros populares, estabelecem relações afirmativas de valoração da realidade local enquanto formas de expressão, desenvolvendo diálogos que ao mesmo tempo em que são de realidades próximas, não têm sua origem no próprio Guajuviras, mas o insere em trocas culturais com outros espaços semelhantes. Esse aspecto é corroborado pela narrativa anterior de Giovana, em sua viagem a São Paulo para cantar com representantes do *rap* naquele estado. Essas manifestações culturais frequentemente estigmatizadas constituem-se em fortes vínculos entre jovens e formas de expressão, cujos conteúdos, valores e sentidos têm estreitas relações com o espaço vivido.

Jovens vinculados ao *rap* têm espaços de apresentação e disputa de rimas musicais no bairro e no espaço metropolitano, como a Batalha do Mercado<sup>9</sup>. Esses eventos consolidam as trocas entre jovens de bairros e espaços populares da região metropolitana em processos de produção cultural, aprendizagem e extensão das redes de amizade, o que mitiga os conflitos, segundo narrativa de Caio sobre uma apresentação no bairro Niterói:

Que nem, eu não me dava comum guri de Niterói, mas não gostava dele por eles não se darem comigo. Então eu tinha que participar da semana do *hip-hop* de Niterói e eu fiquei meio assim: como eu vou ir lá? Aí eu peguei e fui lá. Eu me dava com dois guris que cantavam *rap* lá e eles falavam de mim para os gurislá. Ele me falava que todos os guris falavam mal de mim, que

---

<sup>9</sup> Disputa de rimas por MC's da RMPA e estado que ocorre toda noite do último sábado de cada mês no entorno do Mercado Público, no Centro Histórico de Porto Alegre/RS.

iam me quebrar, que isso, queaquilo. Só que eu nunca tinha feito nada para eles, mas era só o preconceito de eu ser doGuajuviras. Aí eu fui cantar lá, aí umas duas semanas antes mataram um amigo deles lá e aí eu comecei a cantar 17 de abril lá e eles: Guajuviras aqui não eras e sei lá o quê, Guajuviras isso,Guajuviras aquilo. Aí eu fui cantar a música do meu pai e falei: para o amigo dos guris aí que faleceu.Aí eles já mudaram o tratamento, porque eles viram que eu não era a pessoa que eles pensaram. [...]Hoje é tranquilo, eu falo com eles pela internet e eles me convidam pra ir lá, como na semana passada, que eu fui lá pra praça da Dona Mocinha e a genteficou lá fazendo um *freestyle*<sup>10</sup>. [grifo nosso]. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

O *rap* tem forte identificação com espaços populares, consolidando grupos com vínculos territoriais e contextos sociais semelhantes, como apontado na narrativa de Caio, que ampliou suas relações para outros bairros da cidade, mitigando os conflitos. Ou Giovana, que, através da Batalha do Mercado, amplia suas práticas a partir do *rap* no contexto metropolitano. As práticas vinculadas às comunidades de sentido elaboram os espaços metropolitanos como fragmentos e, assim, a “[...] caminhada seleciona e fragmenta o espaço percorrido; ela salta suas ligações e partes inteiras que omite [...]” (CERTEAU, 2009, p. 168). Os espaços são vividos de forma fragmentada e, frequentemente, dentro de contextos próximos. Algumas práticas, como a Batalha do Mercado, desenvolvem os encontros em área central da capital, marcando suas manifestações em outras espacialidades metropolitanas.

A minha festa é completamente diferente. Como sábado passado, eu estava na Batalha do Mercado, que acontece uma vez por mês. Bah, assim, eu fiquei emocionada lá. É que eu não falo com muita gente, eu sou mais na minha, fico só prestando atenção naquilo que está acontecendo, porque vão perguntar: quem é essa gurira? Por que eu não rimo na batalha do mercado, vou lá para olhar, porque vai muitas pessoas inteligentes, as pessoas muito inteligentes. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

Também estão presentes como comunidades de sentido no Guajuviras os estilos musicais do *rock* e *jazz*. Rodrigo tem sua relação na música a partir das práticas de capoeira desenvolvidas no Guajuviras. Sua inserção inicial na capoeira conduziu-o ao interesse por música e, mais tarde, na formação de um

---

<sup>10</sup> Exercício de improvisação de letras do rapper sobre determinados temas. Nas batalhas de *rap*, constitui uma disputa por formulação de rimas a partir das provocações estimuladas entre os rappers.

grupo musical de *Jazz*. O jovem explicita a compreensão do bairro enquanto fomento de manifestações culturais e as suas experiências como conteúdos de sua produção cultural.

t

O Capoeira Palmares, o mestre Dino. Foi ali o meu primeiro contato com a música, que eu peguei num instrumento.

Entrevistadora: ali atrás do CAIC, no ponto de cultura?

Não era ponto de cultura ainda. O Dino é apaixonado por capoeira então ele segue isso há muito tempo. Então o cara está sempre... Entendeu porque eu acho o bairro muito cultural? Tem capoeira, tem teatro lá, tem tudo de graça. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

Os espaços de capoeira, o estúdio, a Casa das Juventudes, entre outros, são espaços ora institucionalizados verticalmente, ora horizontalmente, que subsidiam o crescimento e desenvolvimento das manifestações culturais e a inserção de jovens em práticas que ampliam os horizontes do bairro. As redes de amizade e de interesses formam-se no bairro e passam a atuar no contexto metropolitano, em apresentações programadas ou não.

Eu conheci o Fulano no colégio, no Jussara, e foi ele quem me ensinou as primeiras notas no violão, os primeiros acordes. O Beltrano, que é batera, eu conheci ele por intermédio de um vocalista que eu conheci nesse estúdio lá no Guajuviras. Estúdio Zeppelin. Ele funciona há 15 anos. [...] Em função desse estúdio ali no bairro se criou de tocar guitarra, passa e vê o cara. Se criou várias bandinhas em volta do estúdio. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

A revista *Entreverbo*<sup>11</sup> e o sarau mensal que ocorre na área central de Canoas, mas que tem vínculos originários com o Guajuviras, são também comunidades de sentido das quais Rodrigo participa. Esses grupos desenvolvem-se de forma articulada com as práticas do *jazz* e com outros/as agentes vinculados/as à palavra escrita e compartilhada, o que é comumente dissociado de espaços populares.

Por fim, foi observada uma comunidade de sentido singular em que o espaço do bairro torna-se referência como signo e experiência partilhada por jovens de contextos semelhantes, mas não referentes ao mesmo espaço. Essa situação aparece na narrativa de Alice, jovem que ingressou em um curso

---

<sup>11</sup>Iniciativa de artes integradas com foco em poesia.

superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem seus vínculos com a instituição fortalecidos a partir do encontro com outros jovens de espaços populares da Região Metropolitana de Porto Alegre. Nessa situação, o Guajuviras corresponde à comunidade de sentido como signo e trajetividades (BERQUE,2010)<sup>12</sup> semelhantes entre os jovens.

Aí que eu achei as gurias que moravam na Bonja<sup>13</sup>, do canto da Vila Nova, da Restinga, o pessoal de Canoas mesmo. E a gente começou a conversar e trocar informação e a gente começou a perceber que todo mundo se sentia desconfortável dentro do seu curso, porque não encontrava os iguais. A gente sentava para conversar, mas eles falavam de viagem, falavam de tecnologia, de calçados, de bolsa, de bebidas, de festas. A gente não sabia, o máximo que a gente conseguia conversar era sobre o conteúdo, que o resto não tinha nada a ver. E as pessoas que eu fiz amizade, eram 120 bolsistas. E foi aí foi aí que eu me encontrei. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014).

As comunidades de sentido desenvolvem-se como diversidade de filiações culturais, políticas e religiosas através das quais os/as jovens constituem-se na relação, também complexa e diversa entre o bairro e o contexto metropolitano. Múltiplas articulações interescares tornam-se evidentes nessas relações, partindo do local ao contexto mais amplo e vice-versa. Os/as jovens do Guajuviras, através de suas práticas, reelaboram seus saberes sobre o lugar e a metrópole, ancorando suas representações nas próprias experiências e nas referências de outras escalas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Guajuviras o intenso uso das ruas como sociabilidade e o local como fomentador da convergência em comunidades de sentido fazem das ruas locais de uso, permanência e reconhecimento. As ruas configuram-se como importantes espacialidades de um urbano que resiste, sendo palco e arena das relações de sociabilidade e visibilidade

---

<sup>12</sup>A relação indissociável da constituição do sujeito e do espaço pode ser inferida em Berque (2010) através do conceito de trajetividade, que corresponde à realidade como interação entre sujeito e objeto, constituindo-se historicamente no campo relacional.

<sup>13</sup>Expressão carinhosa para denominar o bairro Bom Jesus, localizado em Porto Alegre e identificado no imaginário social como uma periferia.

dos/as jovens do Guajuviras, sendo um dos conteúdos dos modos de vida de bairro.

As comunidades de sentido, como uma feição de articulação do bairro aos espaços metropolitanos, têm origem nas práticas do bairro e refletem a diversidade cultural e de táticas dos/as jovens do Guajuviras. Embora contribuam para a interpretação do espaço do bairro como elemento de formação e lazer, evidenciam que as inserções no espaço metropolitano se desenvolvem na proximidade do contexto social, como as práticas associadas aos tamboreiros das religiões afro-brasileiras, da cultura do *funk*, das igrejas neopentecostais que com frequência se desenvolvem em outros bairros populares da região metropolitana.

Em determinadas situações as práticas metropolitanas das comunidades de sentido são um pulular em fragmentos metropolitanos. No entanto, são formas de enunciar, através das práticas e presença, as juventudes do bairro popular, tanto em situações de conflito, quando de reprodução das relações sociais. As comunidades de sentido, ao inserirem lógicas, estéticas e valores de jovens do bairro em outras espacialidades, reafirmam seus vínculos espaciais pelo processo de enunciação que comunica também a identidade espacial vinculada ao bairro.

## REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-32.

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scrita, 1994.

BERQUE, Augustin. Sujet, fûdo, mésologie. *Cahiers de Géographiedu Québec*, Quebec, v. 54, n. 153, p. 459-470, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/cgq/2010/v54/n153/1005605ar.pdf>> Acesso em: 15 maio 2014.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. 1999. 460 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

DUARTE, Klaudio. ¿Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. *Ultima Década*, Valparaíso, n. 13, p. 59-77, set. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S0718-22362000000200004&lng=es&nrm=iso&tlng=es](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0718-22362000000200004&lng=es&nrm=iso&tlng=es)>. Acesso em: 7 jul. 2014.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GOULART, Marcos Vinicius da Silva; SANTOS, Nair Iracema Silveira. Protagonismo juvenil e capital humano: uma análise da participação política da juventude no Brasil. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, maio 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução circuito de jovens. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de juventud. In: MARGULIS Mario et al. *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de investigaciones/Universidad Central, 1998. p. 3-21.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização de entrevista não-diretiva em Sociologia. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980. p. 191-212.

REGUILLO, Rossana Cruz. El año dos mil, ética, política y estéticas: imaginarios, adscripciones y prácticas juveniles: caso mexicano. In: MARGULIS,

Mario et al. *Vivendo a toda* jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del Hombre, Departamento de Investigaciones/Universidad Central, 1998. p. 57-82.

SERPA, Angelo. A trama de relações sócio-espaciais nos bairros populares de Salvador, Bahia. In.: SERPA, Angelo (Org.). *Cidade popular: trama de relações sócio-espaciais*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 9-24.

SIMMEL, George. O estrangeiro. In: SIMMEL, George. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.

*Recebido em 19/02/2019*

*Aprovado em 25/06/2019*